



REDES SOCIAIS E REVOLUÇÃO INFORMACIONAL:

notas para um debate do ponto de vista do trabalho

Perci Coelho de Souza¹

Maria Helena Rauta Ramos²

Alacir Ramos Silva³

Maria de Fátima Ramos Brandão⁴

PROPOSTA DA MESA TEMÁTICA COORDENADA

A presente proposta de Mesa Temática Coordenada, submetida a VI Jornada Internacional de Políticas Públicas (VI Joinpp) por pesquisadores integrantes do Grupo de Pesquisa Sobre Poder Local, Políticas Urbanas e Serviço Social LOCUSS/UnB, abordará particularidades e relação entre redes sociais e revolução informacional, a partir do ponto de vista do trabalho. Os fundamentos da abordagem teórica encontram-se na perspectiva neomarxista francesa da *revolução informacional*. Ao tratar do processo de incorporação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – NTICs ao mundo do trabalho, estes será considerado de um lado, segundo a lógica da crise do capital, e, de outro, como sendo uma mutação sociotécnica que ultrapassa os limites para análise da revolução industrial. Finalmente será debatida a compreensão de que a instalação de superinfóvias, possibilita a constituição de redes de cooperação produtiva, redes sociais e redes de cooperação política, que tendem a se desenvolvem com uma relativa autonomia em relação à dependência absoluta do capital.

¹Doutor. Professor adjunto vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília (UnB). Líder atual do grupo Locuss/UnB. E-mail: perci@unb.br.

² Doutora. Pesquisadora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fundadora da Rede Locuss.

³ Doutora. Pesquisadora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: alacir.vix@terra.com.br.

⁴ Doutora. Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Brasília (UnB). Especialidade em Informática aplicada a Educação, Avaliação de Programas Sociais, Educação à Distância; Ambientes Colaborativos de Aprendizagem; Redes Sociais Informacionais.



REDES SOCIAIS E REVOLUÇÃO INFORMACIONAL:

notas para um debate do ponto de vista do trabalho

Perci Coelho de Souza¹

Maria Helena Rauta Ramos²

Alacir Ramos Silva³

Maria de Fátima Ramos Brandão⁴

RESUMO: Este artigo desenvolve notas de reflexão teórica fundamentadas na perspectiva neomarxista francesa da *revolução informacional*. Tratar do processo de incorporação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – NTICs ao mundo do trabalho. Esse processo é visto, de um lado, segundo a lógica da crise do capital, e, de outro, como sendo uma mutação sociotécnica que ultrapassa os limites para análise da revolução industrial. Demonstra que a instalação de superinfovias, possibilita a constituição de redes de cooperação produtiva, redes sociais e redes de cooperação política, que tendem a se desenvolver com uma relativa autonomia em relação à dependência absoluta do capital.

Palavras-chave: Redes Sociais, Revolução informacional, Mutação sociotécnica.

ABSTRACT: This paper develops theoretical notes based on the neo-Marxist perspective of French information revolution. Treat the process of incorporation of New Information Technologies and Communication - NTICs the world of work. This process is seen, on the one hand, the logic of the crisis of capital, and on the other, as a mutation sociotechnical that pushes the boundaries for analysis of the industrial revolution. Demonstrates that installing superinfovias, enables the creation of productive cooperation networks, social networks and political cooperation networks, which tend to develop with relative autonomy from absolute dependence on capital.

Keywords: Labor theory of value, Marxism, information revolution.

¹ Doutor. Universidade de Brasília (UnB). E-mail: perci@unb.br

² Doutora. Pesquisadora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Doutora. Pesquisadora aposentada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: alacir.vix@terra.com.br.

⁴ Doutora. Universidade de Brasília (UnB).



INTRODUÇÃO

Este artigo contém uma reflexão crítica acerca do tema das “Redes Sociais”. Tem como referência teórica a perspectiva neomarxista francesa da “Revolução Informacional” considerada pertinente e atualizada para este fim¹.

DESENVOLVIMENTO

As redes sociais, que aparecem como gestoras de serviços assistenciais, têm existência antiga, e sempre desempenharam um papel importante na prestação da assistência social. Lembramos os fichários de clientela, anteriores à década de 1970, geridos e acessados por um conjunto de obras sociais. Desse ponto de vista, o trabalho de produção, processamento e circulação da informação pelos produtores em cooperação (organizados, ou não pelo capitalista) constitui um processo social de troca informacional que sempre esteve subsumido à lógica do capital (Marx, 2004, 2003) e também subjacente à dinâmica concreta das “Redes Sociais”.

Essa premissa que, embora menos visível, é estruturante, do nosso ponto de vista, à condição de ser das “Redes Sociais”. É ela que possibilita explicar esse objeto de estudo segundo a adoção da perspectiva de totalidade em oposição a óptica particularista e autocentrada de estudos mais usuais de compreensão das redes.

Para explicar as redes de comunicação e transporte, Marx operou com a categoria “Condições Gerais da produção capitalista”. E desse modo explica como se dá a socialização da produção fora do espaço da fábrica (processo ampliado de produção), ou seja, o espaço onde circula a mercadoria após a sua produção fabril (processo imediato de produção). Marx então diferencia “Trabalho produtivo” de “Trabalho improdutivo”. Expõe o ciclo de metamorfose do capital, que de capital adiantada retorna como “capital agregado” de mais-valia (mais valor, decorrente do tempo de trabalho não pago ao trabalhador), que é distribuído entre as diferentes frações de capital: capital financeiro (juros), capital industrial e capital comercial (lucros), capital fundiário (renda, paga em forma de aluguel, arrendamento aos donos da terra ou imóveis alugados), onde se

¹ Nesse campo teórico consideramos: BOCCARA (2008), Lojkin (1995, 2002, 2004, 2005, 2008).



encontram as instalações necessárias a esse todo processo. Parte da mais-valia fica com o Estado, na forma de impostos.

Para examinarmos as redes sociais, no quadro atual, temos que recorrer à revolução informacional, que desencadeou uma revolução nas condições gerais da produção capitalista (meios de comunicação e transporte), ampliando exponencialmente a capacidade de circulação, ao reduzir o tempo de realização das conexões. Imediatamente são transferidas informações para todo o mundo; links são estabelecidos entre diferentes ramos produtivos, sociais e culturais, possibilitando o acesso às informações e sua troca entre usuários de todas as partes do mundo, a depender das tarefas a serem cumpridas e do interesse despertado. Novas redes são criadas e as velhas redes são objeto de transformações profundas.

O âmbito das redes é ilimitado: desde as redes de cooperação produtiva às redes prestadoras de serviços e redes de cooperação política (RAUTA RAMOS, 2003). Inicia-se com um ponto de conexão, a rede pode se tornar uma mega rede, com nódulos descentralizados (hierarquizados ou horizontalizados) em diferentes pontos do espaço territorial, do local ao mundial. Daí potencializa-se o intercâmbio possibilitado pelas redes sociais e redes de cooperação política, tornando-se mais eficazes na consecução de seus objetivos.

1. CONCEPÇÃO DE REVOLUÇÃO INFORMACIONAL

No Brasil, Jean Lojkin (1995) constitui a referência quando se fala em Revolução Informacional. Mas há outro pensador, Paul Boccara, economista do Partido Comunista Francês (PCF) que, desde 1964, vem estudando as mudanças tecnológicas inauguradas pelos processos de automação. Nesse momento histórico, o PCF propunha aos demais partidos de centro-esquerda (Partido Socialista e Partido Radical) a constituição de uma Frente Ampla, através de um Programa Comum de Governo, que elegeu na década de 1980 Mitterrand, como Presidente da França, e seus intelectuais atualizavam o estudo do desenvolvimento do capital, a partir da obra de Marx.



Nesse processo, com a crise estrutural do capitalismo iniciada a década de 1970, em consonância com suas análises, a explicação do Capitalismo monopolista de Estado, e sua crise, adquiriu maturação a concepção inédita de Revolução Informacional. Esse processo de metamorfoses já se anunciava na realidade econômica e social da França. Paul Boccard - em "Quelques indications sur la révolution informationnelle" (La Pensée, 1984) - analisa o progresso da produtividade capitalista, em momentos subsequentes à revolução industrial, verificando a elevação da composição orgânica da capital (aumento do capital despendido em instalações modernas e novas tecnologias etc. e redução dos gastos com trabalho vivo).

Nesse artigo, o autor diferencia Revolução informacional de Revolução industrial, sublinhando que, a partir da transferência de funções do cérebro para a máquina (computador), cresceu em importância todas as funções ligadas à informação, inclusive na produção material, mas principalmente nas atividades comerciais e de serviços, colocando a exigência ímpar de qualificação da força de trabalho. Destaca três características da revolução informacional:

- 1) A economia potencial das despesas e de meios materiais, mediante miniaturização, introdução das NTIC, aumento da velocidade de operação, redução dos tempos mortos, novos processos de transformação, novos materiais e energia, biotecnologias.
- 2) O papel decisivo da "inteligência" e a exigência do desenvolvimento das capacidades criativas da massa dos homens (softwares, computadores e criatividade, tempo real e interatividade).
- 3) O progresso dos circuitos integrados, potencializando a aplicação dos talentos dos indivíduos e a qualidade das equipes autônomas, que desempenhem um papel crucial, distanciando-se muito do trabalho uniforme e pesado dos trabalhadores sem qualificação da indústria tipicamente capitalista.

Sob a Revolução Informacional, é decisiva a relação íntima das equipes de criação, podendo haver perda de eficácia se a equipe tiver um número maior de seus componentes; sendo necessário, portanto, a divisão de equipes menores, trabalhando autonomamente, mas realizando uma interconexão produtiva. Além do mais, as NTICs



permitem "em tempo real" antecipar as respostas imediatamente, de modo interativo, em escala mundial.

Em relação às transformações técnicas, provocadoras de mudanças substantivas nesse processo ampliado de produção, interpõem-se obstáculos econômicos e sociais, reduzindo a potencialidade revolucionária das NTICs. O autor cita, como exemplo, a crise dos critérios de avaliação da rentabilidade capitalista, que não dão conta da avaliação da rentabilidade social da produção, dados os desempregos estruturais e a devastação do meio ambiente.

Desse modo, uma luta se faz necessária, tendo como pauta a alteração dos critérios de rentabilidade do trabalho, com a agregação de outros componentes, além daqueles exclusivamente produtivistas, ou seja, questões relativas ao pleno emprego, à formação continuada, à qualidade das condições de trabalho, à preservação do meio ambiente, à defesa da saúde do conjunto da população. Boccara propõe uma luta de novo tipo, em oposição aos critérios de rentabilidade do trabalho, denominada de eficácia social.

A defesa de uma nova gestão, segundo seu ponto de vista, pode favorecer uma relação nova de trabalho, em que os trabalhadores possam intervir no poder de gestão da empresa, impondo "um novo tipo de economia mista". Sob essa orientação política, a prioridade da empresa será remetida ao desenvolvimento pleno das capacidades dos trabalhadores, exigindo a implementação de uma política pública dirigida à população em geral, em detrimento da acumulação crescente dos "grandes patrimônios privados" e do capital financeiro.

Lojkin (1995), trabalhando a concepção de Revolução Informacional, inicialmente em parceria com Boccara, concebe a mutação acenada neste fim de século, só comparável à invenção da ferramenta e da escrita, ultrapassando amplamente aquela provocada pela revolução industrial. Para este autor, as novas tecnologias da informação e de comunicação são fontes de potencialidades "revolucionárias" para a humanidade: a emergência de uma sociedade pós-mercantil, superando as democracias mercantis mais desenvolvidas. As novas contradições surgidas no próprio processo de produção,



determinadas e/ou associadas ao antagonismo capital/trabalho, só podem ser resolvidas através de novas relações sociais, de natureza não mercantil.

Trata-se de uma nova determinação, advinda da Revolução informacional. Uma revolução sociotécnica maior, engendrada pelo próprio capitalismo, na segunda metade do século XX, que penetra todos os ramos da economia e da sociedade, e não apenas o setor da fabricação material. Desencadeia-se o general intellect, conhecimento generalizado, com o uso das NTICs.

Segundo Lojkine, em *La guerre du temps* (2002), a revolução informacional está modificando as antigas divisões entre espaço profissional e espaço doméstico (teletrabalho). E nesse sentido, essa Revolução informacional vem questionando os critérios de medida do tempo de trabalho, acompanhando as modificações introduzidas na relação salarial. Desse modo,

[...] não se trata simplesmente de uma revolução tecnológica (o evento da informática), mesmo que ela seja crucial, pois que a objetivação de certas funções do cérebro no computador sucede à objetivação da mão instrumentada na máquina-instrumento. É mais globalmente uma revolução no uso humano da informação, isso não é simplesmente uma revolução “informática” (LOJKINE, 2002, p. 25-26).

Para este autor trata-se de uma revolução que modifica a maneira de produzir ou de trabalhar e as relações entre economia e sociedade. Para Lojkine, o capitalismo “mudou de base”, na base material, característica da revolução industrial, associou uma base informacional. O capitalismo, hoje, encontra-se baseado muito mais em forças produtivas ligadas ao informacional, contrariando os usos mercantis elitistas do “trabalho da informação”. O acesso à informação se generalizou, não é privilégio exclusivo das forças capitalistas. O “trabalho da informação” diz respeito ao “[...] conjunto de tarefas e funções que contribuem para a criação, circulação, estocagem e tratamento das informações”.

Embora a ideologia neoliberal defenda a tese de que a circulação da informação seja um processo neutro, de fato, não é isso que se observa, na medida em que não existem dados puramente técnicos, objetivos, totalmente padronizados, ou seja, politicamente neutros. O que se observa, ao contrário, é a circulação de informações ambivalentes, contraditórias, que podem ser interpretadas de múltiplas modalidades.



A forma de circulação e de acesso das informações está relacionada às relações de poder, que implica em níveis de confiança ou de desconfiança entre indivíduos e grupos sociais. Existe o monopólio das informações, isto é, elas não são distribuídas de maneira espontânea, mas, ao contrário, continuam submetidas à lógica do poder instituído (aos interesses das forças capitalistas). Há um sistema hierárquico tanto na produção de informações quanto na sua distribuição. Se, nas empresas, as informações estratégicas são monopolizadas pelos quadros dirigentes, as informações operacionais produzidas ou detidas pelos operadores, localizados em baixo na escala hierárquica, não são mais "espontaneamente" difundidas na hierarquia superior. Isso ocorre se não reinam relações de confiança entre os diferentes níveis de poder na empresa. O que diz respeito à empresa, diz respeito ainda mais às atividades de serviço como também ao espaço político e às relações entre os cidadãos comuns e os dirigentes.

Segundo Lojkin, o "tratamento da informação" se dá num domínio onde reina "conflitos de interpretação" e "conflitos de poder", que podem ser remetidos a dois conjuntos de aspectos:

- de uma parte, ao tipo de organização do trabalho, ao tipo de normas de gestão;
- de outra parte, às relações de confiança e de desconfiança, derivadas das relações sociais antagônicas que predominam na sociedade capitalista e reproduzida no espaço das diferentes empresas.

Não há dúvidas quanto a alteração no processo de trabalho, com a introdução da informática. Costuma-se dizer que a especialização cedeu lugar a perfis de trabalhadores polivalentes. Na revolução industrial, predominavam tarefas especializadas. Mas sob a revolução informacional tratam-se muito mais de ações relativas às atividades de coordenação, entre diferentes ocupações, competências e categorias profissionais.

Esse processo não é linear e nem mesmo ocorre num campo de forças pacíficas, ao contrário, é permeado de conflitos sociais, provenientes dos interesses antagônicos de classe, em que se registram duas tendências contraditórias: enquanto a informação se revela uma mercadoria que não se submete à relação mercantil, há tentativas dos grupos dirigentes para orientar e controlar os processos informacionais (nas relações entre clientes e fornecedores), subordinando seu intercâmbio à rentabilidade financeira.



Também foram modificados o conteúdo e a organização do trabalho. E isso se deveu à conjunção de dois fenômenos essenciais que, segundo Lojkine, contribuem para modificar a face do capitalismo contemporâneo, fazendo dele um capitalismo "informacional". Dois aspectos podem ser ressaltados:

- informatização das tarefas administrativas e técnicas de tratamento das informações.
- reestruturação organizacional das empresas e mesmo dos serviços públicos, processo correlacionado ao anterior.

Uma luta precisa ser encaminhada na direção da alteração dos critérios de produtividade do trabalho, tanto na produção como na prestação dos serviços. A lógica desse processo não pode se reduzir aos critérios ligados à eficiência econômica, de natureza produtivista, ou seja, ao aumento dos lucros baseado na redução dos custos com a força de trabalho e com a destruição do meio ambiente.

Com a revolução informacional, no processo de produção e na prestação de serviços, há uma exigência massiva de atividades relacionais entre os homens, fazendo com que a própria indústria consuma cada vez menos matéria prima e mais "recursos humanos" (aplicados, por exemplo, em pesquisa-desenvolvimento, em formação etc.). Os critérios de produtividade são, portanto, inadequados ao trabalho informacional, se permanecidos, concorrem para o aparecimento de círculos viciosos, não apenas no funcionamento organizacional (aferrrolhamento da informação, bloqueio da informação etc.), como na elevação de custos para toda a empresa e a sociedade (a ocorrência das doenças profissionais, a desigualdade no acesso aos serviços coletivos, os danos na saúde da população em geral, com a destruição do meio ambiente, com a poluição das águas, do ar e da terra).

Para Lojkine, ocorre na verdade uma mutação revolucionária no interior da sociedade em plano mundial, cujos efeitos observados decorrem apenas dos passos iniciais dessa grande transformação, na medida em que se trata de

[...] uma revolução tecnológica de conjunto [...] o anúncio e a potencialidade de uma nova civilização, pós-mercantil, [...] ultrapassagem de uma divisão que opõe os homens [...] entre os que produzem e os que dirigem a sociedade (Lojkine, 1995, p.11).



Hoje, com a revolução informacional em processo, a incorporação crescente dos avanços tecnológicos, relativos ao tratamento da informação e da comunicação, faz com que as distâncias entre o espaço da produção e do consumo fiquem cada vez mais reduzidas. Há uma redução de tempo e, como consequência, uma aceleração na rotação do capital, anulando o espaço territorial pela diminuição do tempo de circulação, mas o intercâmbio de produtos imateriais se dá em tempo real. “A revolução informacional [...] envolve, sobretudo a criação, o acesso e a intervenção sobre informações estratégicas, de síntese, sejam elas de natureza econômica, política, científica ou ética” (p. 109).

No sentido de superar as abordagens unilaterais das atuais mutações, caracterizando-a como uma revolução meramente tecnológica, Lojkin recorre à categoria marxiana “forças produtivas” e de “condições gerais da produção capitalista”, extraíndo delas toda sua capacidade heurística. Pode-se observar, nesse período histórico, que nos separam de Marx, a ocorrência de um desenvolvimento muito mais acelerado das forças produtivas e dos meios de comunicação e transporte. A descoberta de novas fontes de energia (elétrica, petrolífera, nuclear, solar etc.), consideradas condições gerais de produção capitalista, concorreu para potencializar o desenvolvimento tecnológico. Além do Estado, o próprio capital investiu em pesquisa & desenvolvimento, contribuindo para descobertas inéditas em todos os ramos do conhecimento científico e tecnológico. Os meios de comunicação e transporte são revolucionados para acelerar a rotatividade do capital. As distâncias são reduzidas, acelerando também o processo de circulação das mercadorias, havendo a rotatividade da informação, com menos custos, nas necessárias interconexões entre os diferentes espaços territoriais (cidade x campo; grandes, médias e pequenas cidades; países produtores x países consumidores).

As condições gerais de produção capitalista (meios de transporte e comunicação) funcionam, ao mesmo tempo, como forças produtivas do capital, mediando todos os ciclos da produção (do processo imediato - a produção fabril -, à circulação, distribuição, troca e consumo). Desse ocorre uma revolução no interior de todo o processo de produção, subordinado à Revolução Informacional que abre novas contradições, potencialidades e desafios.



REFERÊNCIAS

BOCCARA, Paul. Quelques indications sur la révolution informationnelle. In: La Pensée, no 241, sept.-octo. 1984, p. 27-37.

_____. Transformation et crise du capitalisme mondialisé. Quelle alternative? Paris: Le Temps des Cerises, 2008.

LOJKINE, Jean. O Estado capitalista e a questão urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1981 e 1997 (1ª e 2ª).

_____. A classe operária em mutações. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

_____. Revolução Informacional. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Novas Tecnologias geradoras de empregos. In: Revista Praia Vermelha. Rio de Janeiro: PPGSS, UFRJ, 1997b.

_____. Entreprise et société. Paris, PUF, 1998.

_____. O tabu da gestão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999 (original: Le tabou de la gestion. La culture syndicale entre contestation et proposition. Paris: Les Editions de l'Atelier/Les Editions Ouvrières, 1996).

_____. La guerre du temps. Le travail en quête de mesure. Paris

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção Os pensadores).

_____. Capital y tecnologia. Manuscritos inéditos (1861-1863). México: Terra Nova, 1980.

_____. Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-1858, vol. 1. México: Siglo Veintiuno editores, 1997a .

_____. O Capital. Livro Primeiro. O processo de Produção do Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. Grundrisse. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, I. A crise estrutural do Capital. São Paulo: Boitempo, 2009.

RAUTA RAMOS, M. H. "Políticas urbanas, conselhos locais e segregação socioespacial".

_____(org.). Metamorfoses Sociais e Políticas Urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a, p. 113-150.

_____. "Mutações tecnológicas portadoras de novas potencialidades: as redes de cooperação política".

_____(org.). Metamorfoses Sociais e Políticas Urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b, p. 35-64.

SOUZA, P. C. Revolução Informacional e Serviço Social: uma articulação promissora. In: Rauta Ramos. (Org.). Metamorfoses sociais e políticas urbanas. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, v. 1, p. 241-263.

SOUZA, P.C. Potencialidades políticas nas práticas de comunicação da CUT: o uso da Internet e o Platô Informacional do DF. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. (Tese de Doutorado).